



## II Domingo da Quaresma (Ano C)

### O texto – Lc 9,28b-36

- 28 ... Tomando consigo Pedro, João e Tiago,  
JESUS SUBIU AO MONTE PARA ORAR.
- 29 ENQUANTO ORAVA,  
o aspecto do seu rosto alterou-se,  
e as suas vestes tornaram-se de uma brancura fulgurante.
- 30 E eis que dois homens conversavam com Ele: *Moisés e Elias*,  
31 os quais, aparecendo envoltos em *glória*,  
**falavam do seu êxodo,**  
**que se iria consumir em JERUSALÉM.**
- 32 Pedro e os companheiros estavam pesados de sono;  
despertando, viram a sua *glória* e os dois homens que estavam com Ele.
- 33 Quando estes se iam a afastar,  
Pedro disse-lhe:  
**«Mestre, é bom estarmos AQUI.**  
**Façamos três tendas:**  
uma para *ti*, uma para *Moisés* e outra para *Elias*».  
Não sabia o que estava a dizer.
- 34 Ainda falava, quando uma nuvem desceu e cobriu-os com a sua sombra;  
e, ao entrarem na nuvem, os discípulos atemorizaram-se.
- 35 E da nuvem veio uma voz dizendo:  
**«ESTE É O MEU FILHO, O ELEITO. ESCUTAI-O!»**
- 36 Ao ressoar esta voz, Jesus ficou só.  
Os discípulos guardaram silêncio  
e, naqueles dias, nada contaram a ninguém do que tinham visto.

### Breve comentário

A narração da transfiguração ocupa um lugar central nos evangelhos sinópticos (Mateus, Marcos e Lucas). A relação com a cena do baptismo é evidente: a manifestação do Filho de Deus e o ser provado como tal encontra-se no início da pregação, tal como a revelação filial de Jesus agora é um prelúdio do caminho para Jerusalém e do êxodo (partida).

No contexto mais imediato do evangelho de Lucas, em ambiente de oração, Jesus pergunta: «Quem dizem as multidões que eu sou?» (9,18ss) e ainda: «E vós quem dizeis que eu sou?». «O Cristo de

Deus» – é a resposta que Pedro que precisa de ser esclarecida com o 1º anúncio da paixão e ressurreição (9,22) e com as exigências àqueles que querem seguir Jesus: «Se alguém quer vir após mim...» (9,23ss).

A transfiguração que se segue imediatamente reafirma a ligação indissolúvel entre paixão e glória que constitui o mistério pascal. O esplendor que irradia do rosto de Jesus é já o fim antecipado do seu caminho para o «êxodo».

O evangelho de Lucas segue de perto o texto de Marcos, que já devia conhecer, mas dá-lhe o seu retoque muito particular e de acordo com a sua teologia. O grupo que acompanha Jesus ao monte (Pedro, João e Tiago) é o mesmo que estará mais perto de Jesus no Monte das Oliveiras (Mc 14,33), na sua oração ao Pai. A oração, uma constante em Lucas, precede e introduz a transfiguração: «Enquanto orava, o aspecto do seu rosto alterou-se, e as suas vestes tornaram-se de uma brancura fulgurante», simbolizando a condição celeste de Jesus, reflexo da glória divina.

Dois homens, «envoltos em glória», isto é, vindos do mundo celeste, conversam com Jesus: Moisés e Elias, símbolos da Lei e os Profetas. Mateus e Marcos não nos esclarecem o tema da conversa. Mas Lucas é claro: «falavam do seu êxodo, que se iria consumir em Jerusalém». Assim, aqueles personagens representam toda a Escritura que preanuncia o destino de sofrimento de Jesus (cf. Lc 24,27). A partida (morte) de Jesus é apresentada com a palavra «êxodo» como um desígnio divino como expressão dum cumprimento salvífico anunciado no Antigo Testamento («devia consumir-se») a ser realizado em Jerusalém, cujo caminho Jesus está para iniciar (9,51ss).

A cena de glória é contemplada pelos discípulos que «estavam pesados de sono», estabelecendo, uma vez mais, uma ligação à oração e agonia de Jesus no monte das Oliveiras, numa combinação perfeita entre glória/paixão e paixão/glória.

Pedro «não sabia o que estava a dizer» quando sugeriu fazer três tendas. Ele queria atrasar a partida dos dois homens e eternizar a experiência de glória, recusando-se, de alguma forma, a passar pela experiência do sofrimento e morte de Jesus que era objecto da conversa de Jesus com Moisés e Elias. O ficar «aqui» contrapõe-se a «Jerusalém» com tudo o que em Lucas esta cidade representa. Pedro não entende agora a glória de Jesus tal como não irá entender a sua humilhação no Getsémani.

A nuvem que envolve também os discípulos é uma imagem bíblica usada como sinal da presença de Deus e da sua glória (Ex 24,15-18; 40,34ss). É esta presença que cria nos discípulos um sentido de respeito sagrado e de temor.

A voz divina faz espontaneamente pensar na voz da cena do baptismo (Lc 3,22) mas agora não se dirige directamente a Jesus mas aos discípulos. Combinando duas citações do Antigo Testamento (Sl 2,7 e Is 42,1) são afirmados dois títulos de Jesus que sintetizam a estreita ligação entre a glória de Jesus e a necessidade de passar através do sofrimento: «o meu Filho», mais que um título messiânico, exprime a relação profunda de Jesus com Deus; «o Eleito» é o título característico do Servo de Yahweh chamado a sofrer (Is 42,1).

«Escutai-o!». Este apelo é tomado de Dt 18,15 e dizia respeito ao profeta que havia de surgir, semelhante a Moisés. A voz convida os discípulos a «escutar» Jesus, confirmando as exigências de Jesus dirigidas aos discípulos quando os chama a levar a cruz, todos os dias, para o seguir. Jesus é realmente o profeta esperado, semelhante a Moisés, que agora é necessário seguir no novo Êxodo.

P. Franclim Pacheco  
Diocese de Aveiro